REVISTA DA FUNDARTE
ANO 22
NÚMERO 50
JULHO A SETEMBRO DE 2022
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



TRAJETÓRIAS EM ARTE:
POSSIBILIDADES PARA PERFORMAR E EDUCAR NA CONTEMPORANEIDADE

TECNOLOGIAS DO TRANÇADO: O RESGATE DAS TÉCNICAS DA ARTE INDÍGENA NO ENSINO DE ARTES EM SALA DE AULA

Angela Maria Faller Orth
Ronaldo Josué Faller

Resumo: Neste artigo, pretendo, através da tecnologia do trançado, resgatar as técnicas da arte indígena no ensino de artes, em sala de aula. Nele se debate, através de uma formulação de plano de aula e sua aplicabilidade, em que aspectos, este resgate, pode e deve ser usado no ensino de artes. Para tal, buscará elucidar a importância do resgate das técnicas da arte indígena no ensino de artes em sala de aula, com a utilização de materiais reciclados, como jornais e revistas. Como também: apresentar e conceituar a importância da educação artística; pontuar o valor do ensino de artes em sala de aula; evidenciar como o ensino das técnicas da arte indígena é importante no ensino de artes, utilizando materiais reciclados para a confecção de cestos. Apresentamos em um primeiro nível, uma pesquisa bibliográfica, que explora o discurso sobre a educação artística, o ensino das artes em sala de aula e sobre as técnicas da arte indígena. Em seguida, através da pesquisa-ação, é criado um plano de aula, para ser aplicado em quatro períodos de aula, com a técnica do trançado, que se iniciará desde a coleta de materiais, que serão necessários para a produção de cestos, passando pelo trançado e, por fim, até a pintura ou decoração destes artefatos. Espera-se que a partir deste plano de ensino, se possa, com os alunos, ter uma perspectiva crítica reflexiva a partir da tecnologia do trançado, da cultura indígena, explorar debates acerca da globalização e da Educação Ambiental, através do ensino de artes.

Palavras-chave: Ensino artístico. Arte indígena. Plano de aula. Trançado.

BRAIDING TECHNOLOGIES: THE RESCUE OF INDIGENOUS ART TECHNIQUES IN THE TEACHING OF ARTS IN THE CLASSROOM

ABSTRACT: In this article, we intend, through braiding technology, to rescue indigenous art techniques in art teaching in the classroom. It debates, through a source of lesson plan and its applicability, in which aspects, this rescue can and should be used in the teaching of arts. To this end, seek to elucidate the importance of recovering indigenous art techniques in teaching arts in the classroom, with the use of recycled materials, such as newspapers and magazines. As well as: present and conceptualize the importance of artistic education; punctuate the value of teaching the arts in the classroom; show how the teaching of indigenous art techniques is important in art education and use recycled materials to make baskets. We present, on a first level, a bibliographical research, which explores the discourse on art education, the teaching of arts in the classroom and on the techniques of indigenous art. Then, through action research, a lesson plan is created, to be applied in four class periods, with the braiding technique, which will start from the collection of materials, which will be made for the production of baskets, passing by braiding and, finally, even painting or decorating these artifacts. It is expected that from this teaching plan, it is possible, with the students, to have a reflective critical perspective from the braiding technology, from the indigenous culture, to explore debates about globalization, Environmental Education, through the teaching of arts.

Keywords: Artistic education. Indigenous art. Class plan; Braided.

INTRODUÇÃO

Este artigo surge da necessidade de superarmos a visão naturalista que temos da natureza, e pretende, através de um plano de aula, propiciar uma visão crítica sobre o que nos cerca e o que estamos fazendo, através de nossas práticas de consumo, com os recursos naturais.

As práticas pedagógicas de Educação Ambiental, segundo MEC, CONSED, UNDIME, (2016, p. 37), devem adotar uma abordagem crítica, que considere a interface entre a natureza, a sociocultura, a produção, o trabalho e o consumo, superando a visão naturalista. Para tanto, este artigo utiliza a cultura indígena como porta de entrada para este debate. É através da tecnologia do trançado, explorando esta técnica de produção de cestarias, que debateremos com os alunos os conceitos e argumentos de uma visão para além da visão naturalista e sim para uma educação ambiental, a partir de um plano de aula de educação artística.

A arte tem caráter transformador, segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017) o componente curricular, contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte, de acordo com BNCC (BRASIL, 2017), propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. Este trabalho contempla as competências específicas de arte para o ensino fundamental, conforme prevê a Base Nacional Comum Curricular.

Apresentamos neste artigo, em um primeiro nível, uma pesquisa bibliográfica, que explora o discurso sobre a educação artística, o ensino das artes em sala de aula e sobre as técnicas da arte indígena. Em seguida, através da pesquisa-ação, é criado um plano de aula, para ser aplicado em quatro períodos de aula, com a técnica do trançado, que se iniciará desde a coleta de materiais, que serão necessários para a produção de cestos, passando pelo trançado e, por fim, até a

pintura ou decoração destes artefatos.

1. ARTE, UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

Arte é uma palavra antiga que possui vários significados. Problema: muitos deles são incomuns e estão presentes na língua. Artes menores, Artes liberais, artes e ofícios, retenha estas expressões na linguagem do sentido antigo da palavra. Existem tantas definições de arte quanto artistas e amantes da arte no mundo, mas pode-se concordar que a arte sempre causa mudanças pequenas ou grandes, pessoais ou universais. É a própria razão de ser da arte de provocar sensação. (CAUQUELIN, 2005).

A arte é uma atividade humana, o produto dessa atividade ou a ideia que se tem dela sendo, deliberadamente, dirigida aos sentidos, às emoções, às intuições e ao intelecto. Pode-se dizer que a arte é exclusiva do Homem, e que essa atividade não tem função prática definida. O termo "arte" é considerado em oposição à natureza "concebida como potência produtora sem reflexão" e à ciência "concebida como puro conhecimento independente de aplicações". A palavra "arte" vem do latim ars, tradução do termo grego tekhnè), não se limita a esta definição. Desde o século XVIII, o termo abandonou o seu único sentido técnico em favor de um sentido estético, refere-se ao campo das artes plásticas ou "artes desinteressadas" e à procura da beleza (SYLVESTER, 2006).

Tanto Platão quanto Aristóteles concebem a arte por meio da grade da mimese. Platão vê aparência na arte, Aristóteles vê aparência nela. Platão o vê como ilusionismo, Aristóteles o vê como uma forma refinada de realidade. Arte, de acordo com Platão e os neoplatônicos (HOLM, 2005).

Platão distingue entre uma obra de arte e uma busca pela beleza. Se as artes definidas como mimese, segundo Platão, sofrem de uma inferioridade ontológica, ao contrário, a filosofia que incorpora a beleza tem o poder de remeter às ideias e ao verdadeiro Ser. Na Alegoria da Caverna, a luz da beleza e da verdade ilumina as coisas reais, e o papel do filósofo é ajudar a nos afastar da aparência, das sombras da doxa, para compreender a realidade das coisas. Mas, à parte de reflexo nas

coisas, nunca se vê a própria luz, que é o verdadeiro significado das coisas (CANÁRIO, 2006).

A arte romântica é a linguagem artística de uma sociedade que busca um novo pensamento depois de matar o antigo, está se reconstruindo entre impérios, monarquias e repúblicas, entrando em pânico em uma revolução industrial sem controlar o desenvolvimento. A paixão pelo barroco e a frivolidade do rococó deram lugar à dúvida e os artistas expressam-se cada um à sua maneira, sem um estilo comum, ou melhor, com cada um o seu estilo. Alguns privilegiam o desenho, outros o material e o toque, outros ainda a cor (SYLVESTER, 2006).

A partir do §43, Kant se propõe a definir a arte e as belas-artes. Kant se esforça para entender a arte em sua especificidade e não como um tipo de conhecimento. A arte se distingue primeiro da natureza, depois da ciência e do comércio. A arte se distingue da natureza do ponto de vista da causalidade. É uma produção de liberdade, ao contrário, a natureza produz de forma mecânica. Durante a segunda década do século XX, ocorreu uma viragem radical e determinante na pintura, a invenção da abstração.

Certamente, desde os primórdios dos tempos, as formas não figurativas foram utilizadas nos programas decorativos, por exemplo as gregas que adornam a terracota da Antiguidade, os arabescos da ferraria barroca ou as volutas da Art. Nouveau. Mas esses motivos estavam subordinados a propósitos externos, como o embelezamento de um lugar ou objeto (SYLVESTER, 2006).

O termo arte antiga reúne todas as obras de arte criadas antes do período moderno, ou seja, antes de meados do século XIX. Os cursos oferecidos pela IESA artes & cultura permitem que os alunos conheçam e dominem as especificidades das obras de arte dessas diferentes épocas.

Já a arte moderna é a resposta do mundo criativo às práticas e perspectivas racionalistas das novas vidas e ideias fornecidas pelos avanços tecnológicos da era industrial que fizeram com que a sociedade contemporânea se manifestasse de novas maneiras em comparação com o passado (CANÁRIO, 2006). Os artistas trabalharam para representar sua experiência da novidade da vida moderna de maneiras apropriadamente inovadoras. Embora a arte moderna como termo se

aplique a um grande número de gêneros artísticos, que abrangem mais de um século, esteticamente falando, a arte moderna é caracterizada pela intenção do artista de retratar um assunto como ele existe no mundo, de acordo com sua perspectiva única são tipificados por uma rejeição de estilos e valores aceitos ou tradicionais (SYLVESTER, 2006).

2. A EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

A arte é mais do que expressão criativa, que tem sido o tema dominante da educação artística durante grande parte do século XX. A expressão é importante, mas os pesquisadores também estão encontrando conexões entre a aprendizagem nas artes visuais e a aquisição de conhecimentos e habilidades em outras áreas (SCHMITZ, 2000).

De acordo com um estudo do Grupo de Trabalho da Parceria para Educação em Artes de 1993, os benefícios de um forte programa de arte incluem motivação intensificada dos alunos para aprender, melhor frequência escolar, aumento das taxas de graduação, melhor compreensão multicultural e desenvolvimento de habilidades de pensamento, criatividade e habilidades de resolução de problemas (BARBOSA, 2007).

A educação artística no Brasil é uma questão que se transformou ao longo do tempo, incentivando os alunos a produzir arte individualista e incorporando a arte no ensino de outras disciplinas. Existem 26 estados e um Distrito Federal no Brasil, cada um com sua própria história, cultura e referências. A educação artística, em escolas públicas ou privadas, jardins de infância, ensino fundamental e médio, é guiada por uma base comum e complementada por características regionais (JÚNIOR, 2012).

A lei brasileira exige que a educação artística seja ministrada no ensino fundamental até o ensino médio e que inclua música, dança, artes cênicas e visuais - geralmente usando os professores do currículo principal para isso. Como resultado, a arte é frequentemente usada para instruir outras disciplinas escolares (FERRAZ e FUSARI, 2013).

Apesar de obrigatório no currículo, geralmente a educação artística não é

retratada como muito importante para a formação das gerações futuras. O problema, segundo professores e influenciadores, é a falta de incentivo e reconhecimento na área profissional de arte e cultura (STERN, 2008).

Até recentemente, as tarefas de educação artística nas escolas eram baseadas em " reprodução" - o conteúdo das aulas era entregue aos alunos para repetir os exercícios propostos por seus professores. Incentivos para alunos do jardim de infância e do ensino fundamental acontecem com a inclusão de elementos do folclore brasileiro: Saci Pererê e a Mula Sem Cabeça, lendas contadas por gerações, estão sempre presentes. Todas as crianças conhecem essas histórias e as usam para desenvolver seus objetivos artísticos (BARBOSA, 2007).

Dentro deste contexto o autor Diniz (2015), relata que é de extrema importância que o professor domine e conheça a arte folclórica brasileira, e que este também a desenvolva de forma clara e coesa. O autor ainda complementa que este desenvolvimento deve ser ensinado ao professor em seu processo de formação. Como visto anteriormente, a arte engloba a história de fatos e deve remontar fatos ocorridos.

3. ENSINO DAS ARTES EM SALA DE AULA

Não faz muito tempo que a educação artística nas escolas era considerada um luxo e as aulas de artes foram retiradas do currículo para dar mais tempo à preparação para os testes padronizados. Atualmente, o ensino de artes é visto como fundamental para o desenvolvimento da criatividade e do pensamento crítico do aluno. Os professores de arte devem estar prontos para defender o comprometimento dos recursos necessários para priorizar o valor da criatividade na sala de aula (SAVIANI, 2006).

A educação artística e cultural é essencial para a democratização cultural e a igualdade de oportunidades. O curso de educação artística e cultural realizado por cada aluno se constrói do ensino fundamental ao médio, na complementaridade do tempo escolar e extracurricular, por um lado, e das atividades pedagógicas e pedagógicas, por outro (BOSSI, 2001). Combina todos os conhecimentos e competências que o aluno adquiriu, as práticas que vivenciou e os encontros que

realizou nos campos das artes e da cultura. A educação artística e cultural na escola atende a três objetivos (FUSARI e FERRAZ, 2001):

- Permitir que todos os alunos construam uma cultura pessoal rica e coerente ao longo de sua carreira escolar;
- Desenvolver e fortalecer sua prática artística;
- Permitir o encontro de artistas e obras, frequentar espaços culturais.

As disciplinas artísticas estimulam a criatividade, a imaginação e a sensibilidade, componentes da inteligência da mesma forma que a lógica ou a capacidade de se expressar. Essas disciplinas também estimulam a organização do pensamento, o desenvolvimento das habilidades motoras, o pensamento crítico e o despertar dos sentidos (SANTANA, 2004).

A educação artística promove a criatividade e, possivelmente, outras habilidades favoráveis à inovação. Nas sociedades baseadas no conhecimento, a inovação é um dos principais motores do crescimento econômico. A educação artística é cada vez mais vista como um meio de promover as competências e atitudes necessárias para a inovação, para além das competências artísticas e da consciência cultural (FISCHER, 2007).

O papel principal que a arte desempenha na experiência humana é razão suficiente para justificar sua presença nos currículos escolares, haja ou não evidências de transferência de habilidades. A educação artística tem um impacto positivo nos três subconjuntos de habilidades que é chamado de "habilidades de inovação": habilidades técnicas, especialmente em algumas disciplinas não artísticas; habilidades de pensamento e criatividade; e, habilidades comportamentais e sociais (ou caráter) (CORRÊA e NUNES, 2006).

Para alunos do ensino fundamental, as aulas de arte buscam fomentar o interesse e também a habilidades em muitas formas diferentes de arte. O professor de arte geralmente tem a liberdade de projetar suas próprias aulas, mas, em geral, as aulas incluem desenho básico, pintura e artesanato. No ensino médio, as aulas continuam a ajudar os alunos a melhorar suas habilidades artísticas básicas, enquanto introduz conceitos na história da arte (SAVIANI, 2006).

Neste nível, as aulas ainda são básicas e pretendem estabelecer uma base sólida de habilidade e história. No ensino médio, as aulas de arte se expandem para incluir outros meios visuais, como vídeo, fotografia e até mesmo design gráfico. A teoria da arte também é introduzida neste nível, e o assunto torna-se mais um estudo acadêmico sério do que uma atividade (CORRÊA e NUNES, 2006).

A arte é importante na sala de aula, proporcionando uma ampla gama de vantagens para os alunos. Os educadores podem tirar o máximo proveito desse potencial, equipando-se para oferecer a prática criativa como uma característica central do currículo e mostrar aos tomadores de decisão como essas iniciativas podem alcançar resultados transformadores (MATIAS, 2017).

Criatividade, imaginação e sensibilidade são qualidades muito procuradas no mercado de trabalho que envolve, por exemplo, criar, encontrar soluções, emitir críticas construtivas, estar numa relação de ajuda ou em contato com o público.

Também oferecem a oportunidade de aperfeiçoar a cultura geral, o que contribui para enriquecer o conhecimento do mundo e aguçar o senso crítico. Ter um melhor conhecimento das coisas significa ser capaz de apreciá-las melhor, formar uma opinião informada e tomar decisões ponderadas (FUSARI e FERRAZ, 2001).

Finalmente, as disciplinas artísticas permitem que os alunos expressem sua singularidade, entrem em relacionamentos com outras pessoas e interajam com seu ambiente. Eles representam um modo adicional de comunicação que pode ser tão rico quanto falar. Além disso, podem ser boas maneiras de expressar emoções e liberar tensões (BOSSI, 2001).

O ensino da história das artes auxilia no estudo das obras e constitui a oportunidade de estabelecer uma parceria com atores e / ou instituições artísticas e culturais. Pode ser articulado com dispositivos complementares ao ensino, como projetos de ação cultural (FISCHER, 2007).

Através dos seus métodos de organização, ao oferecer uma variação dos três pilares de uma abordagem direta e sensível das obras, a iniciação na prática artística e a contribuição do conhecimento, este ensino opera como um dos elementos constitutivos da generalização (SANTANA, 2004).

Apesar dos obstáculos orçamentários e culturais que alguns países

enfrentam, muitas escolas, programas e educadores encontraram maneiras de deixar os alunos entusiasmados com as artes, colaborando com programas externos. Ao permitir que os alunos aprendam dessa forma, esses educadores estão abrindo um mundo totalmente novo de oportunidades de aprendizagem que muitos alunos parecem abraçar como uma saída para seu processo criativo (CORRÊA e NUNES, 2006).

4. TÉCNICAS DA ARTE INDÍGENA

As artes oferecem um vislumbre especial das experiências e crenças das culturas atuais e passadas. As artes dos povos indígenas variam de obras funcionais, decoração de itens cerimoniais, ilustrações de tradição e história até as reviravoltas modernas de uma linguagem visual enraizada na cultura.

> "Atualmente, existem cerca de 300 etnias indígenas no Brasil, cada uma com comportamentos e costumes diferentes. Entretanto, existem várias características comuns encontradas em diversas tribos. Desta forma, cerâmica, máscaras, pintura corporal, cestaria e plumagem resultam em uma arte tradicional compartilhada: a arte indígena". (AIDAR, 2011, p.1).

As artes indígenas são a arte criada pelo povo original para habitar uma terra. A arte indígena abrange muitas formas de mídia. Pode ser encontrado como (DIAS, 2000):

- Pintar em folhas;
- Esculturas em madeira;
- Esculturas ou pintura em pedra;
- Pinturas de areia (ocre);
- Pintura corporal;
- Esculturas;
- Roupas cerimonial;
- Armamentos;
- Design - peças artísticas;

Muitos artistas indígenas contemporâneos baseiam-se em suas raízes ancestrais, com as quais combinam seu conhecimento e prática de técnicas artísticas contemporâneas de todo o mundo. Destacamos abaixo, trecho de uma entrevista realizada com artesão indígena, no estudo de SUFIATTI; BENARDI; GLAVAM, (2013), que nos esclarece como se dá este processo de conhecimento e prática das técnicas indígenas:

> "Entrevistamos seu Cesário, funcionário da Funai e Artesão no dia 15 de março de 2011, em sua casa, na T. O Xapeco. O mesmo conta que aprendeu a confeccionar os cestos com seu pai desde pequeno, aos 8 anos de idade. Eram feitos para serem negociados nas cidades próximas, sendo trocados por roupas ou alimentos; para isso, eles percorriam todo o caminho a pé. Quando o questionamos sobre o material de que é feito os cestos ele respondeu que é feito de taquaras tiradas do mato, 6km da sede, em Barro Preto. Quanto a preparação do material, depois de tirada e limpa a taquara deve ser estalada e secada, para depois ser lascada, para que a mesma não rache ou estrague. Ele nos mostrou vários cestos prontos e coloridos, nos contou que utiliza a tinta é comprada na livraria em Xanxerê, geralmente são usadas as cores amarela vermelha e verde; eles compram a tinta em pó, colocam a ferver uma panela de água e dissolvem a tinta, quando a água começa a ferver, colocam as taquaras já estaladas para tingir. Pedimos como era feita antigamente coloração e ele nos respondeu que quando pai dele fazia obtida a partir de folga do mato, socada no pilão, e era feito fogo com água e as folhas que viravam tinta. O seu Cesário e sua esposa têm duas filhas que também confeccionam cestos e moram na aldeia Paiol de barro. Ele e sua esposa produzem Tuias e cestos de diferentes tamanhos e formas. O mesmo destaca que é demorado o processo de confecção do cesto e há gastos com tinta, transporte da Taquara, passagem de ônibus para vender os cestos e alimentos para comer. Para confeccionar as tuias são gastas em média 2 a 3 taquaras, sendo tirada a parte estragada dos nós; o mesmo pote de tinta pode ser utilizado para várias confecções" .(SUFIATTI; BENARDI; GLAVAM, 2013, p. 72).

As obras resultantes desse processo são, muitas vezes, críticas às condições sociais atuais decorrentes de um passado colonial. A assimilação forçada, a repressão cultural e a realocação, fenômenos comuns a tantas nações indígenas, são características definidoras dessas formas de arte (KRENAK et al., 2009).

Artes e histórias indígenas são uma ótima ferramenta para usar em sala de aula, usá-la como um projeto de classe, uma tarefa alternativa, ou uma atribuição de crédito extra. Ele se encaixa bem nos currículos de arte, inglês, história e estudos sociais, e é uma ótima opção para lidar com as inteligências múltiplas e estilos de aprendizagem na sala de aula (JANKE et al., 2003).

A arte do povo indígena é importante para os alunos vivenciarem por vários motivos. A arte é uma grande parte da identidade cultural e da história que pode expor os alunos a outras culturas além da sua. Fazer arte é fazer sentido. Compreender como os outros fazem sentido pode construir uma ponte de compreensão entre as pessoas à medida que se aprecia as semelhanças e diferenças (PORTES, 2015). Aprender sobre como as culturas se expressaram no passado e comparar isso com hoje pode fornecer um contexto para melhor compreender e valorizar unas aos outros. O estudo das artes indígenas pode abrir uma porta para novas maneiras de enxergar sobre como as pessoas interagem com a cultura atual. Então, conversas sobre como se quer moldar o futuro usando as expressões visuais são possíveis. Isso cria um senso mais profundo de identidade e agência, dando a cada aluno o poder de se expressar em sua voz (JANKE et al., 2003).

Os alunos de todas as origens precisam se enxergar representados na arte que vivenciam. Uma educação artística historicamente tradicional seria formada, principalmente, por artistas masculinos eurocêntricos, tornando o resto da população invisível. À medida que os alunos experimentam perceber pessoas como eles trabalhando, criando mudanças em seu mundo, eles podem ter uma visão melhor de seu futuro e dos possíveis impactos (OLIVEIRA FILHO, 2012).

Os murais indígenas são maneiras maravilhosas de celebrar de forma muito visível a cultura indígena na escola. Eles também podem ser uma maneira fantástica de construir conexões dentro e fora de sua escola, com seus alunos, famílias e comunidades indígenas (LAGROU, 2010).

À medida que se toma conhecimento das artes indígenas, é preciso ter certeza de que a apreciação e admiração não se tornem apropriação. Todo estudo de arte é usado, com o tempo, para desenvolver uma voz pessoal; nunca copiar o de outra pessoa. Idealmente, um artista indígena apresentaria aos seus alunos sobre o trabalho deles e sobre a cultura deles. Quando isso não é possível, essas lições se esforçam para ser sensíveis e precisas (DIAS, 2000).

Embora a arte aborígena possa variar, a maioria dos planos de aula de arte indígenas ensinados nas aulas de arte parecem se concentrar no estilo de pintura de

pontos, conhecido como “ocidental estilo deserto”. Esstas pinturas, geralmente estão conectadas a crença indígena (LAGROU, 2010).

A unidade curricular visa dotar o aluno de conhecimentos relativos aos fundamentos da história da arte indígena, bem como ferramentas de análise crítica quanto às potencialidades e limites da aplicação do conceito da própria “arte” às produções indígenas (KRENAK et al., 2009).

O aluno assim adquire competências histórico-antropológicas, que permitam ultrapassar uma leitura puramente estético-formal das obras, procurando antes explorar as suas potencialidades enquanto documentos antropológicos. As habilidades adquiridas pelo aluno em relação ao "fazer arte" dos povos indígenas, também devem ser úteis para uma leitura competente dos muitos fenômenos contemporâneos de "revitalização" das artes tradicionais (DIAS, 2000).

O aluno aplicará os principais modelos de análise crítica e processual da cultura, grupos étnicos, gêneros e gerações, e será capaz de problematizar os aspectos socioculturais relativos aos processos de migração, globalização e sociedade do conhecimento. Ele será capaz de ouvir, compreender e se comunicar com respeito por diferentes culturas e pontos de vista, e desenvolver habilidades de julgamento tanto em nível profissional, humano e ético (OLIVEIRA FILHO, 2012).

Segundo Siebert e Chiarelli (2012) a expressão cultural é utilizada quando nos referimos ao que é produzido pelo homem em contraposição ao que é dado pela natureza, pois somos seres sociais e aprendemos uns com os outros. Assim, o que não é dado pela natureza, o que não é biólogico, mas que é dado pelo homem, produto da vida coletiva, é cultural. (VYGOTSKY, 2003) (SANTOS, 1983). Portanto, para trabalhar com questões culturais é imprescindível resgatar o componente histórico, para que possamos compreender os fenômenos identitários das etnias, por exemplo.

Compreender as raízes é fundamental para o desenvolvimento humano. De onde veio e para onde vai? Estas questões nos remetem para o passado e futuro, pensar no futuro e no passado é valorizar o presente. Pensar em cultura sem pensar no passado é praticamente impossível.

O nosso país é rico de culturas diferenciadas, e cabe a nós educadores apresentar para o educando, através da arte, as diversidades culturais; mostrar que cada etnia tem sua cultura e que cada uma dessas culturas compõem a nossa identidade cultural, e que devemos respeitá-las. De acordo com Siebert e Chiarelli (2012), Cultura diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, a cada um dos povos, pois cada região possui particularidades e uma caminhada histórica.Um exemplo desta caminhada histórica é a arte indígena, que é uma das mais antigas em nosso país. Os índios herdaram de seus antepassados a arte do artesanato, o desenho e a pintura. Dentro da cultura indígena havia diversas tribos, assim como na atualidade existem diversas comunidades, sociedades, etnias e diferenciações culturais e sociais dentro de um território que ao mesmo tempo faz parte do todo. Segundo Almeida (2010), em todas as regiões da América, nos processos de conquistas e colonização, os povos indígenas tiveram participação fundamental. A cultura afrodescendente também contribuiu muito para o crescimento do nosso país, trouxeram da África o café, que foi um grande marco para o Brasil Colônia, também criaram pratos da culinária brasileira. Assim como as culturas europeias e asiáticas tiveram enorme participação na perpetuação e desenvolvimento do Brasil.

Com isso, ao trabalhar com a diversidade e educação, se cria um espaço democrático e com isso possibilita a integração dos alunos neste contexto que é escolar e não deixa de ser social. De acordo com Silva e Urbaneski (2012):

> E quando aos fins da educação, está relacionada com a manutenção do que é comum para a coletividade e a continuidade das estruturas sociais, com o intuito de garantir a existência da própria sociedade. Por isso, a ação educativa deve, além de aperfeiçoar dons inatos, buscar a integração dos alunos na organização social e que estes respondam às expectativas dos diferentes meios sociais com os quais irão conviver. (SILVA E URBANESKI, 2012).

E ainda, quando apresentamos o conteúdo de uma forma lúdica, trazendo novidades até então não experimentadas pelos alunos, percebemos a demonstração

de interesse por parte dos alunos, em aprender o conteúdo que está sendo ensinado. Segundo Ferraz, Fusari (2013):

> A cultura deve ser apresentada aos estudantes gradualmente, em tal qualidade e seleção que possa ser melhor apreendida, entendida e apreciada em cada fase do desenvolvimento... O estudante deve comparar os trabalhos da população se sua localidade com a de outras, para tornar-se sabedor de seus diferentes valores e limitações e de como a arte de sua localidade pode ser desenvolvida e enriquecida sem perda de suas características. (FERRAZ E FUSARI, 2013).

Trazendo estas novas experiências para a sala de aula o aluno é capaz de realizar trabalhos de artes e criar suas próprias obras, e também ser um cidadão crítico. Cm isso o possibilita, a saber, julgar suas próprias obras, elevando-o num grau a mais de conhecimento, quanto conhecer as Artes Visuais locais, regionais e porque não continentais? Dessa forma, possibilitando maior autonomia de pensar, de ser, de criar, de analisar e criticar o mundo à sua volta.

5. PLANO DE AULA

> "A aula, lugar privilegiado da vida pedagógica, refere-se às dimensões do processo didático – ensinar, aprender, pesquisar e avaliar – preparado e organizado pelo professor e seus alunos" (VEIGA, 2008, p. 267).

> Ela [a aula] é feita de prévias e planejadas escolhas de caminhos, que são diversos do ponto de vista dos métodos e técnicas de ensino; [...] também se constrói, em sua operacionalização, por percalços, que implicam correções de rota na ordem didática, bem como mudanças de rumo; [...] está sujeita a improvisos, porque não foram previstos, mas não pode constituir-se por improvisações. (ARAÚJO, 2008, p.60-62).

O plano de aula, é um roteiro, que orienta o professor para a condução didática. A Base Nacional Comum Curricular aponta competências específicas de arte para o ensino fundamental, dentre elas, está "pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais […] que constituem a identidade brasileira. Podemos ver abaixo as nove competências apontadas na BNCC para o ensino da arte:

> 1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades. 2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações. 3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte. 4. Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte. 5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística. 6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade. 7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas. 8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes. 9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo (BRASIL - BNCC, 2017, p. 198).

Segundo Vasconcellos (2002, p. 98), “a educação escolar é um sistemático e interacional processo de interação com a realidade, através do relacionamento humano, baseado no trabalho com o conhecimento e na organização da coletividade”, cujo o objetivo é contribuir para a formação do aluno, tendo assim o conhecimento que possibilite o compreender, ou usufruir ou o transformar a realidade.

Dito isso, e tendo como base a pesquisa bibliográfica, abaixo segue o plano de aula desenvolvido como plano de ação para a inserção desta prática em sala de aula, independente do nível de ensino, podendo ser aplicado desde o nível fundamental, anos iniciais, anos finais, ensino de Jovens e Adultos (EJA), tanto como no nível médio.

5.1 O Plano de Aula

Nome do Professor (a): Angela Maria Faller Orth

Disciplinas: Artes

Assunto: Releituras de técnicas indígenas, utilizando materiais reciclados

Programação: 1º AULA – Apresentação da temática e conceitos que serão trabalhados, assim como a tarefa de trazer jornais e revistas para o próximo encontro; 2º AULA – Coleta dos materiais: jornais e revistas, trazidos pelos alunos e início do processo do trançado; 3º AULA – continuação do trançado; 4º AULA – Finalização do trançado e pintura.

Objetivos: O objetivo deste plano de aula é que cada aluno desenvolva a percepção visual, pela releitura das obras de cestos indígenas. Como também, identificar a problemática do consumismo excessivo no mundo globalizado; praticar de forma adequada o descarte de suas embalagens; interagir oralmente sobre o resgate de obras indígenas em sala de aula; refletir sobre as possibilidades, referentes ao tema da sustentabilidade; desenvolver a prática criativa da releitura da arte indígena de cestos e adornos de decoração, com os materiais reciclados: revistas e jornais.

Conteúdo programático: Apresentação do resgate da arte indígena e suas técnicas e obras, com a releitura das mesmas. Segundo Siebert e Chiarelli (2012, p.100), os indígenas já trançavam as fibras antes mesmo da chegada dos europeus. Os materiais podem ser os mais variados, sendo mais popular realizá-los a partir de fibras; as mais usadas são: **juta, taboa, cipó, bambu e folhas de palmeiras**. Entre os objetos que podem ser obtidos, a partir deste trançado estão as cestas, as redes, balaios, chapéus, peneiras, assentos de cadeira, esteiras e outros. Segundo Vieira e Carvalho (2012, p. 35), "a arte de tecer trama e trançar, é através de matéria-prima encontrada em grande quantidade na natureza que os índios desenvolviam seus artefatos". Apresentar uma releitura de minha autoria, na sequência, mostrar para os alunos os materiais que serão utilizados e como fazer, ensinar passo a passo.

1ª Passo: uma folha de revista ou jornal dividir em partes iguais, vincar e cortar as tiras.

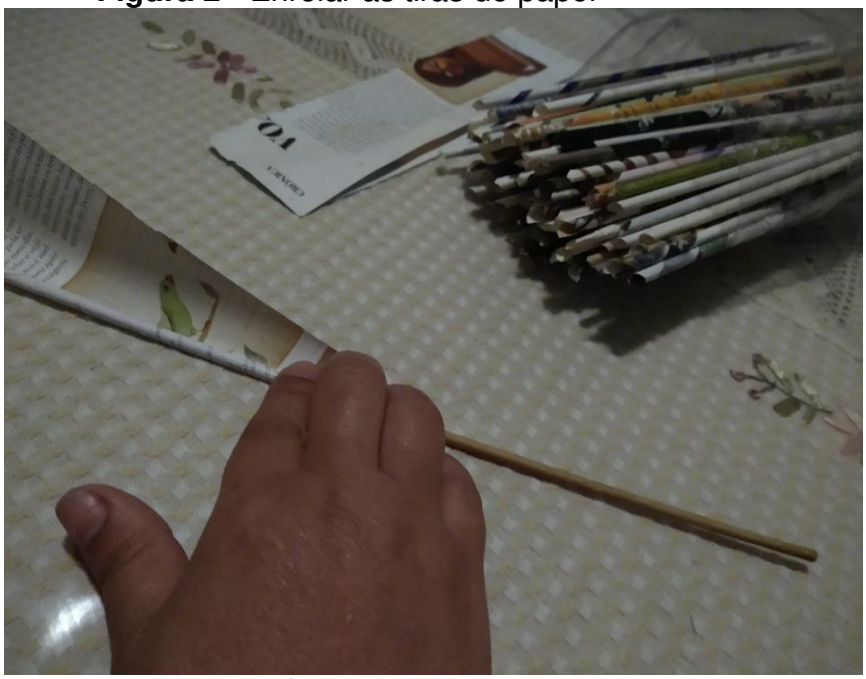
Figura 1 - Divisão das folhas



Fonte: Própria autoria (2021)

2ª Passo: Enrolar a tira com auxílio de um palito de churrasquinho, em seguida, fazer vários rolinhos.

Figura 2 - Enrolar as tiras de papel



Fonte: Própria autoria (2021)

3ª Passo: Fazer o trançado com cinco tiras de um lado e sete do outro.

Figura 3 - Trançar as tiras



Fonte: Própria autoria (2021)

4ª Passo: Acrescentar uma tira de cada vez dentro da outra, passando cola na ponta - na parte que fica por dentro.

Figura 4 - Trançado



Fonte: Própria autoria (2021)

5ª Passo: Com auxílio de prendedores de roupa, prender as pontas das tiras, para que se possa subir o trançado do cesto.

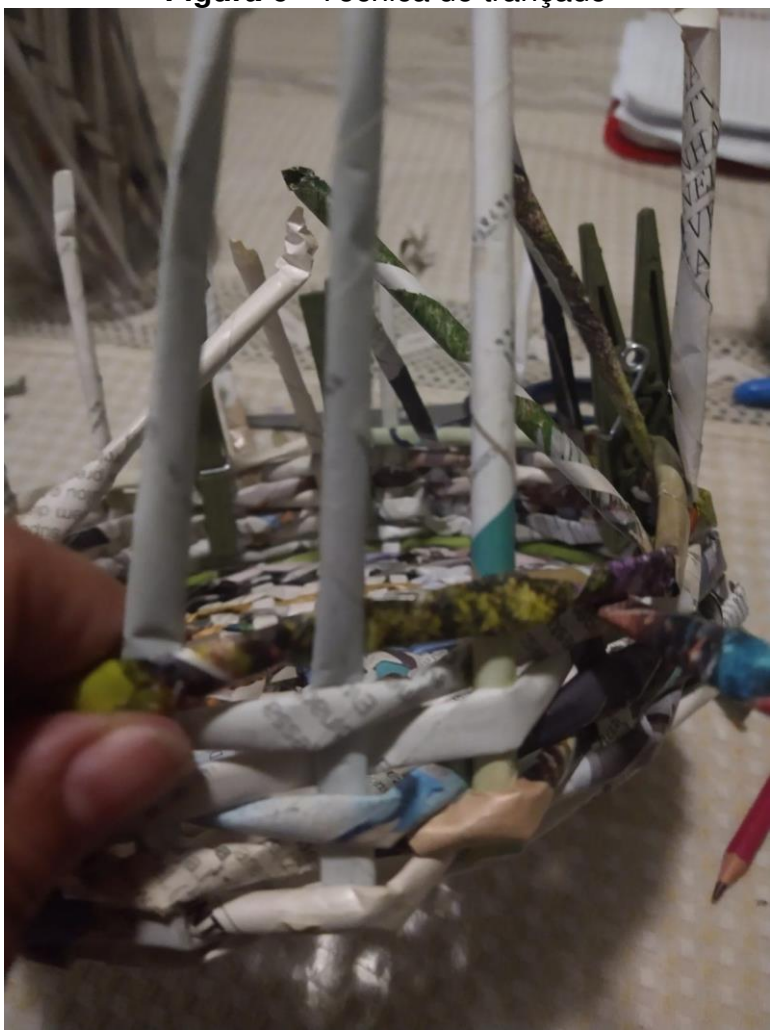
Figura 5 - Trançar as tiras



Fonte: Própria autoria (2021)

6ª Passo: Fazer o acabamento com as pontas das tiras, realizando o trançado, intercalando para baixo, fazendo os arremates das pontas, e cortar o excesso que sobrar.

Figura 6 - Técnica do trançado



Fonte: Própria autoria (2021)

7ª Passo: Sobre a pintura: Cada aluno escolherá as cores de sua preferência.

Figura 7 - Finalização e Pintura



Fonte: Própria autoria (2021)

Recursos: revistas, colas brancas, tesouras, palitos de churrasquinho, tintas. Cada aluno fará um cesto de materiais reciclados.

Sequência didática: Os alunos farão uma dinâmica de grupo: Ao começar a dinâmica menciono para os alunos que em todos os lugares existem um chefe e que o chefe da sala, no caso, é o Professor(a), e como grupo, devemos trabalhar unidos, ter respeito mútuo, uns pelos outros, e que todos devem trabalhar em equipe. Feita esta introdução, se segue para a próxima etapa, onde o trabalho em equipe será de extrema importância, pois todos terão que cantar ao mesmo tempo as vogais de seu nome, e esta composição formará uma música – que lembra a língua indígena, de melodia única, pois será construída de acordo com o nome de cada aluno. Vejamos como funciona: Cada aluno diz seu nome, por exemplo: Mateus. Em seguida, o referido aluno fala somente as vogais de seu nome, no caso: “aeu” e todo o grupo restante, fala, em voz alta, as vogais de seus nomes: “aea”, “aie’, ‘aeu’, “aio”, “ua”, “iai”, “aiea’. E assim, se forma uma música, e segue assim, até que todos falem a sua. O grupo deve seguir a dinâmica de mãos dadas, rodando em círculo. A professora puxa a roda, solta uma das mãos e vai levando o grupo em círculo até fechar a roda. Após o aluno da outra ponta, começa a abrir novamente a roda.

Procedimentos: Cada aluno ganhará uma revista e jornais, palito de churrasquinho e cola. Os alunos confeccionarão seu próprio cesto a partir do passo a passo descrito acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho transita sobre duas áreas: artes e educação ambiental. Essas duas, em conjunto, desenvolvem o pensamento crítico sobre nossas ações no mundo e promove um novo posicionamento enquanto cidadão. Com o plano de aula, através de sua pesquisa-ação, se oportuniza aos alunos uma visão crítica, a partir de novas experiências, estas, valorizando identidades e referências culturais de nossas raízes. Nele, se trabalha com a cultura indígena e o uso de uma de suas tecnologias, o trançado. Destacamos que esta mesma configuração ou metodologia pode ser utilizada, assim como no ensino de artes, como também, em outras disciplinas para inserir temáticas culturais, a fim de possibilitar o conhecimento e elevar o raciocínio crítico sobre o mundo que os cerca. A partir deste plano de aula, o aluno desenvolve a percepção visual – pela releitura das obras dos cestos indígenas. Como também, identifica a problemática do consumismo excessivo no mundo globalizado, desenvolvendo o seu pensamento crítico, para assim, proceder de forma adequada o

descarte de suas embalagens. Do mesmo modo, interage com a cultura indígena, e reflexiona sobre as temáticas da sustentabilidade, assim como, a utilização da criatividade na resolução de problemas. Desta forma, possibilita-se ao aluno realizar uma análise crítica e processual da cultura, de grupos étnicos, de gênero e de gerações, sendo ele, capaz de problematizar os aspectos socioculturais relativos aos processos de migração, globalização, e a sociedade do conhecimento. Ele será capaz de ouvir, compreender e se comunicar com respeito por diferentes culturas e pontos de vista, e desenvolver habilidades de julgamento tanto em nível profissional, humano e ético (OLIVEIRA FILHO, 2012).

Referências:

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na história do Brasil.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ARAÚJO, J.C.S. Disposição da aula: os sujeitos entre a tecnia e a polis. In: VEIGA, I. P.A. (Org.) *Aula*: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008. p. 45-72.

AIDAR, Laura*. Arte indígena brasileira*. 2011. Artigo: Toda Matéria. Disponível em: https://www.todamateria.com.br/arte-indigena-brasileira/. Acesso em 17 nov. de 2021.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no Ensino da Arte.* São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (*BNCC).* Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BOSSI, Alfredo. *Reflexões Sobre a Arte.* São Paulo: Ática, 2001.

CANÁRIO, Rui. *A escola tem futuro?* Das promessas às incertezas.Porto Alegre:ARTMED,2006.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea:* uma introdução. São Paulo: Martins, 2005.

CORRÊA, A. D.; NUNES, A. L. R. (Org). *O ensino das artes visuais:* Uma

abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: 1º Ed. UFSM, 2006.

DIAS, J.A.B.F. 2000. "Arte, arte índia, artes indígenas". In: *Mostra do redescobrimento, Brasil 500 anos é mais.* Vol. Artes Indígenas. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo. 2000.

DINIZ, Júlio Emílio. *Formação de Professores* **-** pesquisa, representações e poder- Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. & FUSARI, Maria F. de Rezende e. *Metodologia do ensino de arte.* São Paulo: Cortez, 2013.

FISCHER, E. *A necessidade da arte.* 9° ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2007.

FUSARI, M.F.R.; FERRAZ, M. H. C. T. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

HOLM, Anna Marie. *Fazer e pensar Arte.* Editora: MAM-SP, 2005.

JANKE, Terri; QUIGGIN, Robynne. *Indigenous cultural and intellectual property and customary law.* Aboriginal Customary Laws. Background 12. Darwin: Northern Territory Law Reform Committee, 2003.

JÚNIOR, João Francisco Duarte. *Por que arte-educação?* - 22ª ed.- Campinas, SP : Papirus, 2012. 87p. (Coleção Ágere).

KRENAK, Geovani. *ETNODESIGN:* Aplicação dos grafismos da etnia indígena Krenak no Design de Superfície (memorial descritivo). Governador Valadares: UNIVALE, 2009.

LAGROU, Els Maria. *Arte ou artefato?* Agência e significado nas artes indígenas. In: Proa - Revista de Antropologia e Arte [on-line], ano 02, vol. 01, n. 02, novembro de 2010.

LIXO, Extraordinário. Direção de Lucy Walker LONDRES: Angus Aynsley e Hank Levine, Amega Projects, 2009. Disponível em: <http://www.wastelandmovie.com/#>. Acesso em: 20 fev. 2015.

MATIAS, J. M. *A arte como elemento facilitador no contexto da educação inclusiva.* Universidade Federal Da Paraíba Centro De Educação Curso De Psicopedagogia. 2017.

MEC. CONSED. UNDIME. *Base Nacional Comum Curricular*, segunda versão revista. 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em 15 Out. 2021.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. *A refundação do Museu Maguta:* etnografia de um protagonismo indígena. In: MONTENEGRO, Aline; ZAMORANO, Rafael (Orgs.). Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

PORTES, E. M. L. *Arte, Arte indígena, Arte Borum/Krenak:* os imbricados caminhos para a compreensão da arte. Articles. ARS (São Paulo) 13 (25). Jan-Jun 2015

SANTANA, Cláudia Gutierrez. *A arte e a educação inclusiva*: uma possibilidade real. Curitiba: IESDE, 2004.

SANTANA, Ana Lúcia*. A Obra de Vik Muniz*. Infoescola. São Paulo. Disponível em: < http://< rastrosraizeseovento.blogspot.com.br/2013/05/sugestoes-para-o-ensino-da-arte-nas.html>. Acesso em 02 abr. 2014.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura***.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAVIANI, D. *As concepções pedagógicas na história da educação brasileira.* Campinas: Histedbr, 2006.

SCHMITZ, Egídio. *Fundamentos da Didática*. 7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2000.

SIEBERT, Emanuele Cristina, CHIARELLI, Ligia Karina Meneghetti. *Cultura Popular Brasileira.* Santa Catarina: Editora- Uniasselvi- Indaial, 2012.

SILVA, Everaldo da. URBANESKI, Vilmar. *Sociologia Geral e da Educação.* Santa Catarina: Editora- Grupo Uniasselvi- Indaial, 2012.

STERN, A. (2008). *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.

SUFIATTI, T., Dos Santos, BENARDI, L. & GLAVAM Duarte, C. (2013). Cestarias e história de vida dos artesãos indígenas da terra indigena Xapeco. *Revista latinoamericana de Etnomatemática*, 6(1), 67-98. Acesso em: 17 nov. de 2021.

SYLVESTER, David. *Sobre a Arte Moderna*. São Paulo, Editora: Cosac Naify, 2006;

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: projeto de ensino – aprendizagem e projeto político pedagógico. 10 ed. São Paulo: Libertad, 2012.

VEIGA, I. P. A. Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata. In: VEIGA, I. P. A (Org.). *Aula:* gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008.

VIEIRA, Francisco Ponciano; CARVALHO, Carla. *Arte Brasileira*. Indaial: Uniasselvi,

2012. ISBN 978-85-7830- 564-2

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A Imaginação e a Arte na Infância.* Tradução de Voobrajenie i Tvorchestvo por Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d´Água Editores, 2009.